**A METÁFORA NA HISTÓRIA "A ESCOLA DE MINHA MÃE", DE PEDRO
RUBENS: UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS REFERENCIAIS.**

Maria José Cavalcanti de ANDRADE

(Mestranda em Ciências da Linguagem)

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

profzeze@hotmail.com

Isabela Barbosa do Rego BARROS

(Orientadora)

Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP

ibelabarros@gmail.com

Roberta Varginha Gomes CAIADO

(Docente)

Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP

r.caiado@globo.com

Resumo: Este trabalho propõe-se a estudar a metáfora para a recategorização do referente em "A escola de minha mãe", uma das histórias que compõem o livro "Lugar onde os pássaros cantam e as pessoas contam histórias", de Pedro Rubens Ferreira de Oliveira. A seleção e interpretação de metáforas implicam sujeitos ativos e participantes, estabelecendo uma ligação com algum tipo de informação que se encontra na memória discursiva. A análise do corpus foca a referência como o resultado da operação realizada na designação, representação ou sugestão de algo, cujas entidades designadas são vistas como objetos-de-discurso. Constata-se na referida história que a metáfora pode ser escolhida pelo produtor textual de acordo com suas intenções e posições assumidas. Nessa perspectiva, os processos referenciais são trabalhos criativos que, através do projeto de dizer, recorrem a uma série de estratégias para que o leitor, a partir das sinalizações que lhe são oferecidas, construa sentidos, evidenciando que nada

se dá isoladamente e que todo sentido é situado. As representações mentais do conhecimento do produtor ao utilizarem construções metafóricas, fazem referência ao conhecimento prévio dos leitores, haja vista que na valorização do contexto discursivo, os significados da metáfora precisam ser compreendidos. Lakoff e Johnson (1980, 1992, 1993, 2003) postulam que a seleção de metáforas revela como o enunciador compreende dada realidade de conformidade com a maneira de se referir a ela discursivo-metaforicamente.

Palavras-chave: metáfora -referenciação- sentido -texto

1. INTRODUÇÃO

Levando em consideração que a metáfora é uma figura do pensamento perspectivada como um mecanismo de raciocínio e a linguagem é elaborada para atingir determinados propósitos comunicativos, buscamos analisar na história "A escola de minha mãe", parte do livro "Lugar onde os pássaros cantam e as pessoas contam histórias", de Pedro Rubens, a utilização de termos metafóricos associados a determinadas formulações linguísticas, possibilitando, dessa forma, uma construção discursivo-metafórica de realidades análogas.

O processo metafórico se transforma numa abordagem cognitiva do mundo real e do mundo do texto. Em relação à associação que é feita entre o mundo real e o mundo do texto, percebe-se que os repertórios de experiências individuais, coletivas e públicas mantêm ativos seus papéis sociais assumidos no momento da enunciação.

Partindo do pressuposto de que a referenciação é uma atividade discursiva, este artigo visa refletir acerca de elementos metafóricos que desempenham papel de extrema importância na orientação argumentativa do texto. É o que vemos em : "em grande número de casos, a escolha da metáfora para a recategorização do referente é importante para realizar uma avaliação que permita estabelecer a orientação argumentativa do texto". (KOCH, 2011:95).

Desse modo, os objetos do discurso são dinâmicos e o papel da metáfora nos processos referenciais e na argumentação é o de promover a compreensão, operando, enfim, progressão textual. A referenciação atua não apenas na progressão textual, mas também na orientação discursiva. Assim sendo, mais que referendar um segmento linguístico do texto, foca a orientação do discurso aos propósitos estabelecidos no processo da comunicação.

2. A ESCOLA DE MINHA MÃE: CONTEXTO LITERÁRIO

A **escola de minha mãe** é uma das histórias que compõem o livro **Lugar onde os pássaros cantam e as pessoas contam histórias**, obra composta de histórias do povo de Vazantes, interior do Ceará. Como o próprio autor comenta na apresentação do livro (2011:10): "são histórias originais, rotineiras como o cíclico da vida, inusitadas como as coisas do interior, sete como os dias da semana."

As histórias de Vazantes reunidas no livro de Pedro Rubens evidencia a força do dizer do autor que apresenta a realidade de um povo com suas particularidades e seus encantos.

A história em apreço narra o empenho, o amor e o zelo que Maria do Carmo, professora da localidade, tinha em relação a educar o povo de Vazantes. **Escolas Reunidas de Vazantes** tinha três salas de aula na rua de baixo, mais três na rua de cima. No início, Maria do Carmo matriculava de casa em casa e procurava convencer a população de que a escolaridade era a melhor ocupação da criança. O refrão incansavelmente repetido por Maria do Carmo "Lugar de criança é na escola" ajudava-a a conduzir o povo de Vazantes a alcançar determinada escolaridade.

A escola possuía uma grande influência na sociedade de modo a interagir com o público externo. Citamos:

A escola não ensinava somente a quem ia lá. Ela organizava a vida do lugar, propondo um calendário: festas cívicas para educar o povo, dentro e fora das salas de aula; festas religiosas para instruir a todos nos valores e tradições; festas comemorativas, nacionais ou

internacionais, para incluir Vazantes no mapa dos lugares importantes". (RUBENS, 2011: 32-33).

A história narrada desperta a atenção do leitor para as expressões metafóricas utilizadas, o que nos leva a discutir como se constroem realidades discursivo-metafóricas a partir de determinados referentes textuais. Os referentes textuais ao exercerem suas funções discursivas, apontam os aspectos que contemplam a vida numa cidade interiorana, o como as pessoas vivem, o que fazem, como se relacionam, enfim, a história em apreço demonstra a riqueza do uso da metáfora no ato de se comunicar, de valer-se da linguagem para construir sentidos e evidenciar que todo sentido é situado. Os elementos metafóricos utilizados também enriquecem o contexto, uma vez que dependem de inferências realizadas para compreendê-los. Dessa forma, as informações contidas na memória discursiva são relevantes nas associações realizadas para interpretar os referentes antecedentes no texto.

Ao contar histórias, o produtor textual faz com que elas ganhem vida por meio da linguagem. Van Dijk (2004) postula que os modelos mentais são parcialmente fabricados a partir do conhecimento pessoal existente. Eles registram nossas experiências pessoais, compartilhadas com outros membros da sociedade.

3. A METÁFORA E SUA IMPORTÂNCIA NA ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DO TEXTO

Vejamos a seguinte definição de metáfora: "METÁFORA [retórica, semântica] Do grego metaphora, "transposição". A retórica clássica define a metáfora como um tropos por analogia (...)" (NEVEU, 2008:201).

A retórica clássica explica que a metáfora é um tropo (transporte) numa relação de similaridade abreviada. Para Aristóteles, a metáfora, considerada a figura por excelência, transfere a significação própria de uma palavra ou expressão para outro conteúdo semântico. Está bem evidente em

Segundo a concepção aristotélica, na construção da metáfora é, fundamentalmente valorizado o processo da símile ou comparação que

está subjacente na transposição ou transferência, uma vez que, segundo o filósofo, a construção bem feita de uma metáfora é o mesmo que a percepção de semelhanças. No entanto, distingue metáfora de comparação quando atribui uma maior força à primeira por se tratar de uma forma condensada. (AMARAL, 2009: 213-214).

As interpretações dos princípios aristotélicos tem sido polêmicas com relação à analogia e com a símile ou comparação e, muito coerentemente, com relação ao pensamento aristotélico sobre a metáfora, algumas interpretações são corrigidas. Citamos:

Cameron (2003), ao revisitar o pensamento aristotélico sobre a metáfora, tem como objectivo contestar e corrigir algumas interpretações que considera erróneas e salientar aspectos que foram ignorados. Em primeiro lugar, reforça na sua interpretação a ideia de que são referidas duas funções da metáfora: a retórica, que qualifica a elocução por ser clara, não vulgar ou não banal, e a cognitiva que pode produzir uma nova compreensão sobre o mundo, dado que actua a nível conceptual. Sobre a analogia e a símile/comparação, salienta a força reconhecida à metáfora que tem por base uma analogia (a metáfora analógica) segundo a qual dois domínios conceptuais díspares criam entre si relações de aproximação. O terceiro aspecto focado tem a ver com a referência ao uso intencional da metáfora no discurso político, para além do poético, o que significa uma valorização do contexto discursivo e do conhecimento prévio dos ouvintes, fundamental para a detecção e extracção do significado da metáfora. (AMARAL, 2009: 214-215)

Tomando como base a citação acima, atentamo-nos para a a questão da função cognitiva da metáfora, que produz uma concepção sobre o mundo dado que atua a nível conceitual. Nessa perspectiva, Lakoff & Johnson *apud* Tolentino (1990:77-78) "concluem que a metáfora faz parte da nossa vida diária, não apenas na linguagem, mas também no pensamento e na ação." Com isso, os autores postulam que o sistema da linguagem é elaborado e que nosso sistema conceitual comum é fundamentalmente metafórico por natureza. Através dos sistemas metafóricos podemos compreender de que maneira concebemos a realidade.

A metáfora é observada conforme a função social do texto. Os elementos metafóricos ganham força argumentativa no contexto, pois, eles estruturam a maneira como pensamos com relação às coisas, às pessoas. Assim, na condição de formuladores de proposições no contexto enunciativo, os sujeitos, ao lançarem associações entre elementos ditos, buscam facilitar a compreensão por parte de seus interactantes. No caso da história em tela, o produtor textual busca a compreensão por parte dos leitores da narrativa. Os elementos metafóricos são utilizados não de forma aleatória, mas de forma pensada, analisada, fundamentada nas analogias entre as expressões estabelecidas no contexto de produção.

Portanto, para entendermos o conceito de metáfora, podemos considerar os contextos de produção que se utilizam da linguagem para se referirem ao mundo. As expressões metafóricas possuem um caráter multidimensional, pois, depende das articulações contidas no discurso no instante em que são utilizadas.

A metáfora propicia a argumentação textual, pois, numa perspectiva cognitiva age na orientação de novos olhares a partir de concepções já estabelecidas. Como a argumentação estrutura qualquer discurso, é óbvio que o uso de expressões metafóricas constitui orientações argumentativas específicas de conformidade com o público a que se destina. Confirmamos em

Por outro lado, partindo do postulado de que a argumentatividade está inscrita no uso da linguagem, adota-se a posição de que a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão, mas, principalmente de coerência textual. (KOCH, 2011:21).

Observamos em "(...) a metáfora, embora evidente na língua, está presente além das palavras, em nossa percepção de mundo e, assim, está imbricada em nosso processo de interpretação". (PALUMBO, 2010:82) que a seleção e interpretação de metáforas implicam sujeitos ativos e participantes que, através do projeto de dizer, evidenciam uma percepção de mundo determinante no processo de interpretação. Os

olhares, as concepções de mundo desses sujeitos participantes interferem nas interpretações das metáforas utilizadas num contexto específico.

A metáfora como mecanismo retórico usado na comunicação é valiosa, propiciando compreensão e interpretação textual, uma vez que, nas associações realizadas entre termos ou expressões, o processo de comparação instaura processos de representações elaboradas.

As representações mentais do conhecimento do produtor ao utilizarem construções metafóricas, fazem referência ao conhecimento prévio dos leitores, haja vista que na valorização do contexto discursivo, os significados da metáfora precisam ser compreendidos.

Ora direcionamos o nosso foco para a questão do texto literário narrativo e percebemos, indubitavelmente, a valorização do contexto discursivo através do conhecimento prévio dos leitores de "A escola de minha mãe". As expressões utilizadas, os elementos metafóricos referendados dependem de conhecimentos de mundo, de conhecimentos prévios para que realmente sejam compreendidos e interpretados de maneira lógica, real.

Conforme a teoria cognitiva da metáfora do linguista George Lakoff e do filósofo Mark L. Johnson, ambos americanos, a metáfora deixou de ser uma figura de linguagem para ser um processo estruturador do pensamento. Como bem mostra Lakoff e Johnson (*apud* PALUMBO,2010:82) : “ O conceito é estruturado metaforicamente, a atividade é estruturada metaforicamente e, conseqüentemente, a linguagem é estruturada metaforicamente.” O lócus da metáfora é o discurso , pois, ela é de natureza linguística e sócio cognitiva. Assim, o produtor textual faz a seleção de referentes textuais que ele julga válidos para o seu projeto de dizer.

Focando a questão do discurso como o espaço de produção dos sentidos, evidenciamos a metáfora como um fenômeno de representação mental. É o que vemos em :

Se pensarmos o discurso como o espaço onde os sentidos se produzem, reverberando o que já foi sócio e linguisticamente reiterado, e, ao mesmo tempo, revertendo, estendendo ou até mesmo desconstruindo essas reiterações, num jogo articulatório entre a cognição, a língua e o uso, podemos tratar a metáfora como um fenômeno que evidencia essa complexa

teia que forma e é formada por novos (mas nunca totalmente inéditos) e velhos (mas sempre muito vivos) sentidos. (VEREZA, 2010:211)

Na verdade, os enfoques baseados nos processos cognitivos dos indivíduos para se chegar a compreensão da realidade são mecanismos que se direcionam à interpretação textual de forma que as categorias de inferências são ativadas.

Citando PALUMBO (2010:83) “ Em outras palavras, é por meio de um complexo sistema, que envolve língua, pensamento e mundo, que os sujeitos, condicionados pela sua própria percepção, dão sentidos aos elementos extralinguísticos”, compreendemos que é justamente através desse sistema mencionado pela autora que os sujeitos dão sentidos aos elementos extralinguísticos que necessitam de conhecimento de mundo , de conhecimento prévio para que no momento da enunciação, os interactantes estabeleçam reações de compartilhamento de ideias, opiniões, comentários, enfim, de uma série de argumentações que evidenciem o dito e o compreendido.

4. A METÁFORA NA HISTÓRIA EM TELA

Selecionamos alguns trechos da história “A escola de minha mãe”, para análise do papel da metáfora nos processos referenciais. Vejamos:

(1)

Algumas lições ficaram, em frases soltas, para convencer os pais sertanejos e desconfiados: "enxada de menino é caneta"; "colheita de menina são as letras;" (RUBENS, 2011:31)

Em (1) podemos destacar que os objetos-de-discurso **enxada de menino** e **é caneta** revelam os papéis assumidos na estruturação da linguagem pelo contexto de produção em que, através da apropriação de elementos conceptuais e cognitivos, estabelece-se uma associação que se efetiva no fato de que todo menino deve estar na escola estudando e não sendo explorado no trabalho infantil. Daí, temos enxada e caneta: dois objetos que definem o como "o menino" se lança à vida: ou ao trabalho

infantil ou aos estudos. O objeto enxada remete ao campo, ao serviço de agricultura familiar. Essa metáfora está fortemente marcada para aquele menino, aquele jovem que irá optar pelo seu futuro: se irá continuar desenvolvendo atividades agrícolas ou se tem outros objetivos para sua vida. Realmente, na localidade Vazantes a agricultura familiar é uma fonte de renda. Ainda, outra metáfora se efetiva quando os objetos-de-discurso **colheita de menina** e **são as letras** se relacionam. Nesse caso, temos os substantivos colheita e letras na designação e representação de algo, ou seja, "as meninas colherão frutos" quando souberem ler e escrever. O nível de equivalência entre os referentes é de abstração, ou seja, valendo-se do substantivo abstrato colheita (que existe na dependência de outro ser), as letras (ou o domínio das competências de leitura e escrita) dependerão da existência de uma outra pessoa. No caso, de Maria do Carmo, a professora da história em pauta.

(2)

Se alguém vier com "espírito de porco", dizendo que educação e arte não enchem barriga de ninguém, é melhor ficar calado e visitar os projetos educativos de geração de renda. (RUBENS, 2011:37)

Observamos em (2) que **espírito de porco** refere-se a "uma pessoa cruel, ranzinza, que se especializa em complicar situações ou em causar constrangimentos. Segundo o professor Ari Riboldi (s/d) "essa má fama foi reforçada no período da escravidão, quando nenhum dos escravos queria ter a tarefa de matar os porcos nas fazendas. Nessa época havia uma crença de que o espírito do porco ficava no corpo de quem o matava e o atormentava pelo resto de seus dias. Então, diz-se que quem comete crueldades está tomado por esse 'espírito malévolo'.

É válido ressaltar que, como os processos mentais são ativados para uma compreensão elaborada do uso de elementos metafóricos, na citação acima, o produtor textual quando utilizou a expressão **espírito de porco**, realmente evidenciou seu propósito de dizer, através de uma analogia, que os que dizem que educação e arte não tem seus valores, devem, primeiramente observar os projetos que existem em Vazantes quanto aos incentivos para geração de renda. Então, espírito de porco remete ao espírito dessas pessoas que se especializam em complicar situações ou causar constrangimentos.

(3)

Quem não assiste ao cortejo de personagens ilustres, de ontem e de hoje, com a cara emprestada dos meninos do lugar? (RUBENS, 2011:33)

Os nomes metafóricos **cara emprestada** recategorizam o referente e produzem tons de humor no discurso estabelecido, pois, abrangem uma significação no contexto de produção em que os meninos representavam, através de trajes e outras sinalizações não verbais (expressões fisionômicas, gestuais) alguns personagens ilustres como Pedro Álvares Cabral, a Princesa Isabel e Dom Pedro. Como "cara" não se pode emprestar, percebe-se um tom de humor. De fato, os meninos da localidade, ao desfilarem no dia 7 de setembro, saíam às ruas para que os espectadores pudessem aplaudí-los e, dessa forma, conhecerem um pouco da história do Brasil por meio deles, que, com o empréstimo da "cara" de personagens ilustres, contribuíam para proporcionar um certo conhecimento à população que assistia à comemoração. Ao utilizar a expressão ora citada, atentamos para o fato de que o contexto determina a expressão metafórica escolhida pelo produtor textual. Nesse sentido, o leitor, dispo de conhecimento precedente, fará as inferências necessárias ao entendimento global do texto.

(4)

Em Vazantes , a sede de independência vive atravessada na garganta. (RUBENS, 2011: 34)

As expressões metafóricas **a sede de independência e vive atravessada na garganta** demonstram que a emancipação política daquela localidade nunca foi alcançada. Ao utilizar “a sede de independência” o produtor textual estabelece uma associação com o querer que a independência de Vazantes ocorresse. O lugar juntamente com mais sete distritos compõem o município de Aracoiaba, situado na microrregião de Baturité, Ceará. Como vemos, a sede está associada ao desejo, à vontade da independência de Vazantes , o que coloca em evidência que a metáfora cria realidades. Nesse caso, sede é algo que se sente quando da necessidade de água, líquido indispensável. Na realidade criada, a necessidade de que Vazantes se tornasse independente de Aracoiaba seria de suma importância , uma vez que satisfaria a necessidade política local, ocasionando a resolução de problemas locais que, muitas vezes, o município não tem interesse nem vontade política de resolver, uma vez que se trata de apenas um distrito. Quanto à expressão “ vive atravessada na garganta” está

associada a não aceitação das pessoas da localidade até os dias atuais. É, então, algo que incomoda, que gera mal-estar às pessoas de Vazantes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que há na história analisada o emprego da metáfora como forma de referenciação. A seleção e interpretação de metáforas implicam sujeitos ativos e participantes, estabelecendo uma ligação com algum tipo de informação que se encontra na memória discursiva. Os referentes são objetos-de-discurso, pois, eles fixam o foco e mantêm a atenção do interlocutor. Destacamos a escolha da metáfora como recategorização do referente conforme apontada por Koch (2011).

Quanto ao uso da metáfora para o processo de interpretação textual, a comparação instaura processos de representações elaboradas. As analogias, as similitudes entre as metáforas e seus referentes são representações criativas que sinalizam para a construção de sentidos. À medida que o elemento metafórico é utilizado na tentativa de fornecer subsídios para a interpretação de seus referentes, conduz para a orientação argumentativa do texto. Daí, a seleção de termos metafóricos é de grande importância, pois, são eles que possuem carga de significação que favorecerão a argumentação, conseqüentemente, facilitando a compreensão global do texto. No caso, a escolha da metáfora recategoriza o referente.

Consideramos que, de acordo com a análise efetuada, a referenciação é um mecanismo de construção de objetos discursivos. Estes, por sua vez, são processos através dos quais, o produtor textual retrata o mundo e procura se fazer compreender na situação de locução. No tocante ao uso de metáforas, constata-se que elas fazem parte de qualquer língua humana e que implicam participantes que elaboram discursos (re) construindo visões de mundo e assumem seus papéis sociais no momento da enunciação.

Nesse sentido, citamos Lakoff e Johnson *apud* Palumbo (2010:87)“ a seleção de metáforas pode indicar os valores assumidos pelo enunciador, ou seja, revela

como ele compreende dada realidade empírica conforme a maneira de se referir a ela discursivo-metaforicamente.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rosa Maria Baptista. **A metáfora na compreensão e interpretação do texto literário**. Tese de doutoramento em Psicologia na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2009.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LAKOFF, G. ; JOHNSON, M. [1980] **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

_____. **The contemporary theory of metaphor**. In: ORTONY, A. (ed). **Metaphor and thought**. Cambridge, CUP, 1993.

_____. **Metaphors we live by**. In: POTTER, Jonathan.(org). **Representing reality: Discourse, Rethoric and Social Construction**. London: Sage Publications Ltd.,2003.

LIMA, Aldo de. **Metáfora e cognição**. Recife: Editora Unicersitária da UFPE, 2009.

NEVEU, Franck. **Dicionário de Ciências da Linguagem**. Franck Neveu; traduzido por Albertina Cunha, José Antônio Nunes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PALUMBO, Renata. **A metáfora da guerra nos discursos de Lula: um estudo sobre os processos referenciais e argumentativos.** Revista Intercâmbio, volume XXI: 7-97, São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2010.

PONTES, Eunice (organizadora). **A metáfora.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

RIBOLDI, Ari. *O bode expiatório.* Disponível em <http://noticias.terra.com.br/educacao/vocesabia/noticias/0,,OI3067654EI8399,OODe+o+nde+vem+a+expressão+espírito+de+porco.html>. Acesso em 11/08/2013.

RUBENS, Pedro. **A escola de minha mãe.** In: **Lugar onde os pássaros cantam e as pessoas contam histórias.** Rio de Janeiro, Confraria do vento, 2011, p.27-38.

TOLENTINO, Magda Velloso Fernandes de. **Muito além das metáforas.** In: PONTES, Eunice (organizadora). **A metáfora.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Cognição, discurso e interação.** Organização e apresentação de Ingedore G. Villaça Koch. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Caminhos da Linguística).

VEREZA, Solange C. **O lócus da metáfora : linguagem, pensamento e discurso.** Cadernos de Letras da UFF. Dossiê: Letras e cognição, n. 41, 2010.